



TODOS OS NOMES

“O verbete é de uma mulher de trinta e seis anos, nascida naquela mesma cidade, e dele constam dois averbamentos, um de casamento, outro de divórcio. Como este verbete há de certeza centenas no fichero, senão milhares, portanto não se compreende por que estará o Sr. José a olhar para ele com uma expressão tão estranha, que à primeira vista parece atenta, mas que é também vaga e inquieta, (...) O Sr. José olha e torna a olhar o que se encontra escrito no verbete, a caligrafia, escusado será dizê-lo, não é sua, tem um desenho passado de moda, há trinta e seis anos um outro auxiliar de escrita escreveu as palavras que aqui podem ler, o nome da menina, os nomes dos pais e dos padrinhos, a data e hora do nascimento, a rua, o numero e o andar onde ela viu a primeira luz e sentiu a primeira dor, um principio como o de toda a gente, as grandes e pequenas diferenças vêm depois, alguns dos que nascem entram nas enciclopédias, nas histórias, nas biografias, nos catálogos, nos manuais, nas colecções de recortes, os outros, mal comparando, são como a nuvem que passou sem deixar sinal de ter passado, se choveu não chegou para molhar a terra.”

José Saramago, Todos os Nomes, 10ª edição, 2010, pp. 43-44.

Nos antigos cofres de aluguer do Banco Nacional e Ultramarino existia também um fichero-caixa com todos os nomes de quem guardava os seus bens e valores pessoais, mas também, quem sabe, as suas memórias e segredos, promessas partilhadas e objectos de maior significado sentimental. O tempo já amareleceu os verbetes do fichero, mas eles continuam a estar organizados pelo nome próprio, seguido do apelido herdado, de cada locatário, fazendo-o corresponder a número específico: o número do seu respectivo cofre. A caligrafia é igualmente de tempos passados e a presença de diferentes estilos diz-nos que foram escritos por vários funcionários. Hoje, o fichero integra o acervo histórico do próprio edifício, permanecendo no local onde foi deixado, sendo testemunho de um outro tempo, mais lento e silencioso, e de uma utilidade entretanto perdida.

Desenhados especificamente pela prestigiada firma inglesa CHUBB juntamente com Cristino da Silva, os cofres do BNU, sobretudo a sala com os 3552 cofres de aluguer – na verdade, 3532 pois 20 ocultam duas pequenas saídas de emergência – constituíram entre 1957 e 1964 um projecto quase autónomo, tal o volume de desenhos, detalhes construtivos e tempo investido. Antecedidos pelo painel em mosaico de Murano dona Epopeia dos Descobrimentos Marítimos de Guilherme Camarinha, os cofres com recepção e vestíbulo, salas individuais para consulta privada, sistema de ventilação autónomo, fechaduras com combinação, luminária e mobiliário específicos e caminho de ronda, são uma obra de excelência pela sua segurança, sofisticação e beleza. Para esta unidade estética, muito contribuíram os materiais escolhidos e o requinte do seu trabalho. O tecto em aço anodizado e desenhado em sintonia com o sistema de iluminação, as paredes, gradeamentos e cofres em aço inox e bronze, o chão em mosaico de linóleo verde ou em mármore verde com filete em aço, a temperatura suave da iluminação e as pesadas portas blindadas constroem um ambiente cinematográfico captado, logo em 1964, pelo olhar de Horácio Novais. A sua existência, preservação integral e utilização como espaço expositivo dentro do MUDE faz dele um equipamento museológico muito particular. Quando descemos as escadas e transpomos as suas portas, mergulhamos num lugar de silêncio onde o tempo parece parar. Sem rede móvel, mesmo que queiramos, a comunicação com o exterior é também interrompida.

Os nomes que outrora estiveram ligados a estes cofres nunca serão expostos e conhecidos do público, mas a forte identidade deste lugar faz com que cada visitante possa imaginar ou ficcionar as vidas, as estórias, os encontros e desencontros que por aqui passaram. Desde a abertura do MUDE que havia a vontade de evocar de uma forma simbólica estas pessoas e as suas memórias. A natureza do projecto apresentado por Teresa Segurado Pavão veio tornar tal possível. A ideia nasceu da visita à exposição Kukas – uma nuvem que desaba em chuva (2011) e do impacto que este lugar suscitou. Depois de ter desenvolvido projectos específicos para o Museu Nacional do Traje (1989), Museu Laboratório e Jardim Botânico de



Lisboa (1996), Convento dos Cardais (2006), Museu Porto Santo (2007), Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (2009) e Laboratório de Química do Museu da Ciência da Universidade de Lisboa (2011), onde sempre explorou temáticas particulares de cada lugar através do trabalho em cerâmica e tapeçaria, Teresa Segurado Pavão propunha-se agora a trabalhar sobre a sala dos cofres de aluguer.

O desafio era ficcionar diferentes “coleccionadores”, com personalidades, temperamentos, gostos e interesses distintos, explorando as questões de memória e arquivo, património, colecção e coleccionismo. Cinco conceitos que estão intrinsecamente presentes neste lugar concreto, tal como se encontram associados à génese e finalidade de qualquer instituição museológica. Como tal, este projecto fazia duplamente sentido de acontecer na sala dos cofres do MUDE. O resultado é a exposição 3553. Para tal, abriram-se 130 cofres para se apresentar tantas outras peças, na sua quase totalidade pensadas e produzidas especialmente para o efeito. Cada uma destas peças espelha o carácter abstracto dos números, ao mesmo tempo que os materializa em concreto através da forma, cor e material. À medida que olhamos para as diferentes peças, reconhecemos-lhes afinidades formais e materiais que nos permitem reconstituir famílias de naturezas distintas. Em paralelo, ficcionamos também cada coleccionador que esteve na sua origem e indagamos sobre as eventuais razões que motivaram a sua reunião: beleza, raridade, valor histórico ou financeiro...

Neste processo, acabamos de facto por descobrir o universo criativo e referencial de Teresa Segurado Pavão e, em última instância, nós próprios, no exacto momento em que começamos a corporalizar cada uma destas figuras, dando-lhes uma fisionomia, roupagens específicas, propósitos e percursos de vida. Jacinto Lucas Pires assim o fez e o resultado foram os dois pequenos contos intitulados Texto masculino e texto feminino da República Democrática Europeia. Sigamos o seu exemplo, e descubramos os nossos próprios personagens. Talvez um deles seja uma mulher de trinta e seis anos de idade, nascida nesta mesma cidade...

“Elegi a terra.
Dar forma àquilo que não tem forma.
Elegi a terra branca.
São de barro branco polido e /ou vidrado as peças que estou a
trabalhar.
O branco é a cor do papel. A cor do que não foi tocado.
O branco é a soma de todas as cores.
Muito vidrado transparente dá verde água, pouco dá cremes e
nenhum fica gesso ou giz.
Vou usar alguns óxidos como o de crómio porque se associa pela cor
ao bronze, o manganês à madeira, o cobre ao cobre oxidado e o ferro
à ferrugem e ao fogo. Se quiser preto tenho que misturar todos,
porque o preto também é a soma das cores.
Tenho uma moldura - janela em ferro preto.
(...)
O fio é o agente que liga todos os estados da existência entre eles e
ao seu princípio.
O fio do pensamento.
Fragmentos.
Rituais de feitura, as mãos, os tempos.
O enfiamento da agulha é um símbolo da passagem.
Dedal, anilha, anel.
Ciclo indefinido sem solução de continuidade: è o círculo fechado em
oposição à espiral.”
Teresa Pavão, Impressões, Pensamentos e Memórias, 2008-2009

As palavras de Teresa Segurado Pavão traduzem na perfeição o sentido alquímico que perpassa todo o seu trabalho e processo criativo. Ritual, Segredo, Branco, Passagem, Circulo Fechado, Ouro, Anel são termos com um significado particular que nos encaminham para a prática ancestral da alquimia. Em cada peça em exposição, sentimos a desejada transformação física dos metais em ouro, “o segredo mais íntimo da terra” segundo a própria, e nessa medida, adquirem uma certa sacralidade. Também a transformação da terra branca,



matéria quase sem valor, em objectos polidos ou vidrados, de valor utilitário, decorativo ou artístico reveste-se, em si mesmo, de um significado mágico. Moldar com as próprias mãos as argilas a uma forma desejada, fazê-las passar pela acção de diferentes óxidos em busca de uma determinada tonalidade ou mancha, submetê-las ao poder do fogo e gerir os diferentes tempos de fabrico são tudo etapas de um processo de transmutação. As malhas de fio de cobre, prata e ouro que cobrem as peças resultam também de um paciente trabalho de tecelagem que assume um sentido iniciático. Ou seja, ao longo do processo de fabrico, ocorrem sucessivas mudanças de estado, mudanças essas que podem representar simbolicamente a transcendência do próprio sujeito.

Importa ainda referir o processo de reconhecimento dos materiais por parte de Teresa Segurado Pavão e o lugar que este momento ocupa no processo criativo. Em exposição, encontramos vestígios de outras faianças e porcelanas chinesas, pedaços de coral, concha, marfim e madrepérola, vidros e espelhos, fósseis e contas de cobre, ferro ou prata, ossos e madeiras africanas, carimbos, botões, argolas, pendentos, colheres. Teresa Segurado Pavão toma quase sempre estes vestígios como ponto de partida do seu trabalho. Seja um colar de marfim ou um conjunto de ossos encontrado, por acaso, na península de Setúbal. Segue-se um momento de apropriação da peça e de reconhecimento de outras formas que cada uma pode conter ou desencadear. A opção por uma determinada forma nasce assim não de um desenho, mas de uma pré-existência esquecida ou desvalorizada. Este processo criativo leva-nos ainda de volta ao BNU e à sua história, uma vez que algumas das peças em exposição nasceram de ferros de encadernação e bronzes oriundos das oficinas tradicionais da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, instituição cuja vida esteve relacionada com a do Banco, por ter desenhado alguns dos seus espaços, como a Sala Pereira Coutinho e o Gabinete do Governador. Quase por acaso, depois de termos apresentado esta história na exposição Nacional e Ultramarino, voltamos agora a evocá-la.

“Taças, símbolo de princípio de vida, o leite, o sangue. Na China bebia-se nas duas metades de uma cabaça.
(...)”

Taças com buracos, peças de não conter, aberturas para o desconhecido. Bacia, a água que corre.

Caixas, gavetas guardam e separam do mundo o que é íntimo e precioso.

Gavetas – segredo têm divisórias e fundos falsos.
Caixas - bolsas com tampas com lançadeiras como pegas.”

Teresa Pavão, Impressões, Pensamentos e Memórias, 2008-2009

Em exposição encontramos taças e outros recipientes, caixas, pratos e almofadas. Peças que parecem destinar-se a uma utilidade prática, comum e diária, mas que vivem num território difícil de definir, dada a sua fragilidade, graciosidade e delicadeza. Estas características comprometem esse provável uso, remetendo-as para um outro universo, mais decorativo ou cerimonial. A extrema simplicidade formal e o uso do barro branco, polido ou vidrado, imprimem uma qualidade intemporal a cada peça. Ao mesmo tempo que evocam formas ancestrais que imaginamos podiam conter, servir ou armazenar água, cereais ou óleos sagrados, reivindicam o estatuto de objectos de culto ou de peças de colecção. Esta estetização dos objectos do quotidiano é evidenciada pelo olhar de Eurico Lino do Vale que os regista em fotografia a preto e branco, frontalmente perante o nosso olhar e num enquadramento clássico.

A natureza híbrida destas peças torna-as um interessante motivo de exposição para um museu dedicado ao design, sobretudo por vivermos numa época em que a natureza dos objectos comuns (sua finalidade, utilidade e intenção), o modo como nos relacionamos com eles e o seu valor, representação e linguagem passam por uma profunda mudança. Os objectos de Teresa



Segurado Pavão podem não ter uma funcionalidade explícita, mas eles podem acompanhar-nos, fazer parte da nossa experiência de vida e envelhecer connosco pela sua capacidade de comunicar, emocionar e contar histórias.

Uma última palavra de agradecimento para Teresa Segurado Pavão, Eurico Lino do Vale, Jacinto Lucas Pires e toda a equipa que colaborou em mais esta exposição e respectivo catálogo.

Bárbara Coutinho